

AULA NO PICADEIRO

Da Redação

Em meio ao cerrado, escondidas entre o Supremo Tribunal Federal e o Setor de Clubes Sul, centenas de pessoas vivem como animais. Lá, as crianças tomam banho no mesmo lugar em que os cavalos bebem água. Com os pés descalços, pisam no chão de terra infestado de cocô de animais. A maioria desses meninos não é mais alta que a montanha de lixo trazida pelos pais nas carroças. Dali, no fim do dia, os adultos tirarão o sustento de suas famílias. Nessa invasão, conhecida como Comunidade do Cerrado da Bica, as pessoas sobrevivem da venda de papel.

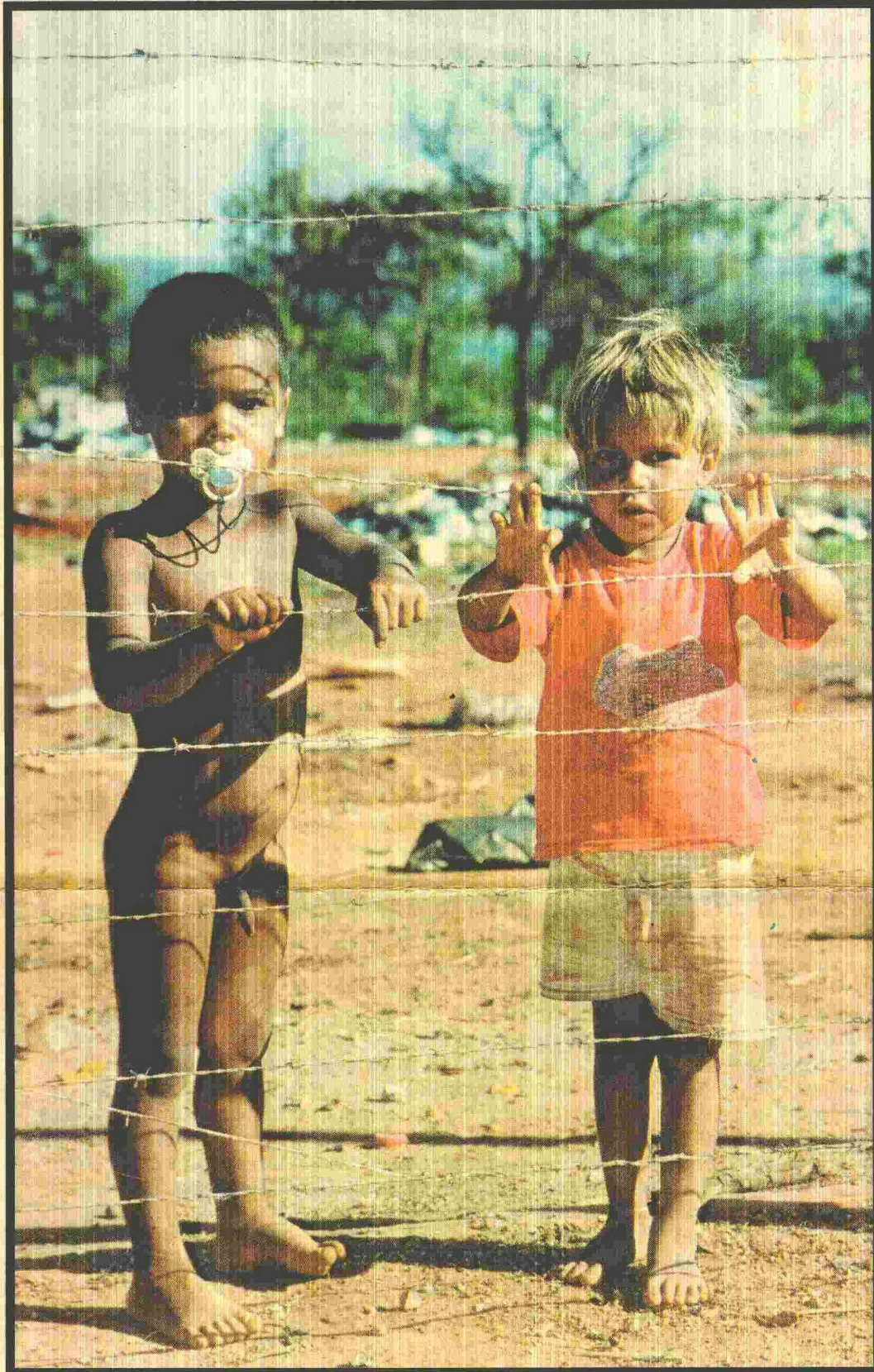
Apesar de toda a miséria que se vê, essa favela é diferente das outras. Entre as dezenas de barracos de papelão ergue-se, muito mais alta, uma colorida lona de circo. Lá, cerca de quarenta crianças — entre dois e oito anos — fazem a pré-escola. Além de aprender a escrever as primeiras letras, elas saem para passear na cidade e têm a chance de brincar com tintas e lápis de cor. No meio do picadeiro, escutam contos de fadas que acontecem em terras distantes e mágicas. Enquanto estão no circo, são tratadas como crianças. Quando saem, têm de trabalhar para ajudar o pai e a mãe.

“Mas isso já está mudando”, comemora Rodrigo Garcia, professor dos meninos. “Hoje, os menores não trabalham tanto. Só ajudam a cuidar da casa e dos irmãos.” Essa nova realidade se deve a um esforço feito pelos funcionários do circo-escola, que também oferece um curso de alfabetização para adultos durante a noite. “Montamos uma cooperativa de catadores de papel para os adultos e a condição para continuar aqui, ajudando eles, era que os meninos não trabalhassem”, explica Rodrigo.

A proposta deu certo. Hoje, apenas uma minoria das crianças trabalha catando lixo. O restante estuda na Escola da Vila Planalto durante a manhã e, à tarde, vem para o circo. O principal objetivo do picadeiro, montado pelo Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua, é despertar nas crianças o gosto pela escola. “A alfabetização é apenas um complemento do nosso trabalho”, diz Rodrigo. “O importante é ensiná-las a ter higiene e noções de cidadania.”

Os resultados são visíveis. Antes de ir para o circo as crianças tomam banho, se calçam e penteiam o cabelo. “Quando o circo-escola foi aberto, há mais ou menos um ano, elas chegavam imundas e não tinham a menor educação”, lembra Eliena Francisca, coordenadora pedagógica do Movimento. Segundo ela, agora os alunos sabem da importância de ir à escola e consideram a aula um dos momentos mais importantes do dia.

Nehil Hamilton



AS CRIANÇAS TROCARAM AS TARDES NO MEIO DO LIXO PELAS BRINCADEIRAS E AULAS NO CIRCO-ESCOLA

“A ALFABETIZAÇÃO É APENAS UM COMPLEMENTO DO NOSSO TRABALHO. O IMPORTANTE É ENSINÁ-LAS A TER HIGIENE E NOÇÕES DE CIDADANIA”

RODRIGO GARCIA
professor do circo-escola

MEDO DA PISTA

A pesar de saberem o quanto é importante deixar os filhos estudar, uma parte dos pais da invasão continua proibindo as crianças de ir à escola formal, que fica na Vila Planalto. Uns preferem vê-las trabalhando, mas a maioria tem medo de perdê-las na pista. “No ano passado uma colega minha morreu atropelada indo para a aula”, lembra o franzino Johny Alvez de Souza, 11 anos, estudante da 5ª série.

Os catadores de papel pediram ao Governo do Distrito Federal uma faixa de pedestres na pista que separa a invasão da Vila, onde fica a escola. Nunca foram atendidos. Por isso, quem não tinha carroça para levar os filhos na escola acabou tirando as crianças de lá. Foi o que aconteceu com Rosinha Santos Silva, 4 anos. Ela ia a pé para o colégio com os irmãos. Agora, fica em casa ajudando a cuidar da casa. “Mas eu vou voltar a estudar em breve”, sonha.

Johny teve mais sorte. O pai, Cícero Gomes dos Santos, leva ele e os quatro irmãos para a escola de manhã. Ao meio dia, a mãe vai buscá-los. Sempre sorridente, Johny afirma que adora estudar, porém não gosta de ir para o colégio na Vila Planalto. Segundo ele, os outros meninos o tratam mal porque ele mora na invasão. “Acho errado eles

caçoarem de mim”, afirma. Apesar da discriminação, ele não esconde o local onde mora. “Não tenho vergonha de viver aqui. Sou filho de um homem trabalhador e tenho orgulho disso.”

À tarde, Johny é ajudante do “Tio Rodrigo”. “Venho para o circo brincar e aproveito para ajudar os meninos pequenos a ler e escrever.” Rodrigo, por sua vez, faz questão da presença dos mais velhos no picadeiro. “As crianças que passam a tarde conosco ficam longe da rua e da violência”, explica. “Assim, a gente evita que eles comecem a roubar, trabalhar antes do tempo ou se drogarem.”

Para os menores, o circo-escola é o melhor lugar do mundo. Lá, eles podem realmente ser crianças, como explica a lourinha Cláudia da Silva, 7 anos. “Se não estivesse aqui, tava varrendo a casa”, conta. Os pequenos Carlos Barbosa, 4 anos, e Ronaldo Pereira, 3 anos, ainda nem sabem falar direito e já gostam de ir para baixo da lona. Sempre juntos, observam os amigos maiores desenharem e, de vez em quando, arriscam pegar num lápis e rabiscam o mesmo papel. A mãe de Ronaldo, Dona Maria, reza para ele continuar gostando da escola. “Com fé em Deus meus filhos vão estudar e arrumar um emprego bom”, afirma. “Não quero ver meus meninos obrigados a viver como eu, socada no meio desse papelão.”